

REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E DE MEMÓRIAS NAS CRÔNICAS *A VELHA E A ARANHA E LIXO, LIXADO*, DE MIA COUTO

REPRESENTATION OF IDENTITY RELATIONS AND MEMORIES IN THE STORIES *A VELHA E A ARANHA AND LIXO, LIXADO* BY MIA COUTO

Hannah Isabel Souza Aragão **SILVA**¹

Resumo: O referido trabalho é uma análise das crônicas *A velha e a aranha* e *Lixo, Lixado* de Mia Couto, expoente escritor moçambicano, tem como objetivo principal perceber como o autor representa a identidade do povo moçambicano através de suas memórias. A vida dos personagens no contexto da obra também é analisada, estabelecendo-se um paralelo com a realidade moçambicana, percebe-se que a linguagem que Mia Couto utiliza nos seus escritos é importante nessa tarefa de representação identitária. A pesquisa é bibliográfica, sustentada pelas teorias de identidade e de memória individual e cultural de Stuart Hall, Roger Bastide, Maurice Halbwachs, dentre outros. Mia Couto constrói nas duas crônicas estudadas, as relações identitárias e de memória do povo africano, através da construção de seus personagens.

Palavras-chave: Representação. Identidade. Memória. Crônicas. Mia Couto.

Abstract: The referent work is an analysis of the stories *A velha e a aranha* and *Lixo, Lixado* by Mia Couto, an exponent Mozambican writer, and has as main aim to perceive how the author represents the identity of the Mozambican people through his memories. The characters' lives in the stories' context are also analyzed, establishing a parallel with the Mozambican reality, what leads us to observe that the way Mia Couto uses the language in his writings is important in this task of identity representation. The research is bibliographical, based upon the identity and individual and cultural memory theories by Stuart Hall, Roger Bastide, Maurice Halbachs, and others. Mia Couto builds up, in these two stories, the identity relations and the memory of the African people through the construction of his characters.

Key words: Representation. Identity. Memory. Stories. Mia Couto.

Introdução

Quando já não havia outra tinta no mundo o poeta usou do seu próprio sangue.
Não dispondo de papel, ele escreveu no próprio corpo.
Assim, nasceu a voz, o rio em si mesmo ancorado.
Como o sangue: sem voz nem nascente. (COUTO, 1993, p.32)

Os versos acima são de Mia Couto, expoente escritor moçambicano. Por meio desses versos, o autor expressa seu ideário, ele é um daqueles autores complexos, que falam o que precisa ser dito de forma direta, sincera, sem perder a doçura e a delicadeza. Em muitas das suas obras,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora do Instituto Federal do Piauí (IFPI). Endereço eletrônico: hannah.isabel@ifpi.edu.br.

Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana.

No presente artigo, as crônicas *A velha e a aranha* e *Lixo, Lixado* foram analisadas. Além disso, a linguagem utilizada por Mia Couto foi observada a fim de identificar como ele representou as relações existentes entre a identidade e a memória do povo moçambicano. Alguns trechos das crônicas foram retirados exatamente como foram apresentados nos textos, conservando o lirismo com que o autor constrói sua ficção.

A velha e a aranha: retrato simbólico do sofrimento da mãe África

A crônica *A velha e a aranha* traz de maneira poética, o sofrimento que uma mãe precisa suportar devido à ausência do filho, que pelo desenrolar dos fatos, não volta mais para casa, pois provavelmente, morreu na guerra em que fora chamado para servir. Essa senhora vive em uma casa pequena, sozinha, em um estado letárgico, delirando e conversando com o filho ausente, não é abalada por praticamente nada, até que vê no canto do teto uma aranha e mais do que isso, percebe que ela está a tecer uma teia, cuja transparência a encanta. A partir daí, o que se tem narrado é de um lirismo profundo e de uma surpreendente criação e inversão de linguagem.

Mia Couto (1991, p.37) começa sua narrativa com a seguinte frase: “Deu-se em época onde o tempo nunca chegou”, o escritor estabelece um paralelo entre os vocábulos, *época* e *tempo*, o signo *época* expressa o sentido de algo que aconteceu em tempos remotos, tempos esses, que não são lembrados e que talvez nem existissem.

A memória daquela velha senhora estava congelada, não havia espaço para o novo, o moderno, “O antigamente ali se arrumava” (COUTO, 1991, p.37), tudo estava tão cuidadosamente igual que a poeira assentava. Possivelmente, os móveis, os pensamentos, as angústias, os sofrimentos e a esperança eram os mesmos, a velha vivia independente do que acontecia no espaço exterior. As suas lembranças a prendiam no espaço daquela casa, sua esperança estava depositada no regresso do filho, era alimentada pelo seu retorno e poupava energia para o seu encontro.

A velha ficava parada, absorta em suas memórias, tornava-se inerte a tudo o que ocorria lá fora, isolada da modernidade advinda do pós-guerra, era uma maneira de expressar sua revolta pela perda do filho, metaforicamente, a inércia diante daquilo que representava o moderno era um protesto silencioso. A Guerra Civil Moçambicana foi responsável pelo dilaceramento de várias famílias, muitos jovens deixavam seus lares e iam lutar por um ideal de libertação.

Os estudos da literatura afrodescendente são norteados por elementos constituintes da memória e da identidade, tanto individual, como coletiva. Roger Bastide (1943) considera que não

é à toa que nas veias dos africanos corre, com sangue, pedaços de florestas, a música, o ritmo surdo das tropas, lembranças de magias e de danças. Diferente dos europeus, que dominavam outros territórios sobrepondo sua cultura, religião e língua em uma tentativa de sufocamento e cerceamento dos dominados, os africanos necessitam de suas lembranças para reconhecerem quem são e o que se tornaram, utilizam-se da sua memória individual, da sua vivência diária, das marcas e histórias deixadas pelos seus ancestrais para compor sua identidade.

A memória cultural africana, aí inclusa, as reminiscências de seus traumas de aprisionamento e escravidão, é um símbolo de resistência contra a tentativa de extermínio cultural a que foram submetidos os negros. Através da memória individual, subjetiva, perpassa a vontade de que essa memória coletiva não seja esquecida e nem trocada por lembranças que não pertencem a eles.

De maneira peculiar e sensível, Mia Couto capta esse sentimento de desilusão e dor do povo moçambicano e o transforma em uma dor única de uma velha senhora saudosa do filho amado, nas entrelinhas, é possível perceber que a identidade individual aqui desnudada, também é coletiva, a idosa é a incorporação do coletivo.

Em outro trecho lê-se:

A mulher só morava em seu assento, sem desperdiçar nem um gesto.
(...) Sentada, imovente, a mulher presenciava-se a sonhar. Naquela inteira solidão, ela via seu filho regressando. Ele se dera às tropas, serviço de tiros. (COUTO, 1991, p.37)

Esse sonho era da mulher, mas compartilhado por várias mães, pela própria mãe África, elas sentadas nas suas portas esperavam com o olhar triste e pesaroso o regresso dos seus filhos, que tinham sido *convidados* a entrar nas tropas, chamados a participar de uma luta que não estava perto de chegar ao fim. É uma analogia para a vida do povo moçambicano, marcado pelo sofrimento, pela guerra e pelos prejuízos que as disputas sempre trazem, especialmente para a parte da população menos favorecida socialmente.

A ilusão e o sonho são escapes. A velha sonha com o regresso do filho, de farda e sadio, o povo por sua vez, se alegra, dança, reúne as famílias nas rodas de capoeira e danças típicas, assim esquecem por alguns instantes os dias ruins.

No entanto, um dia, a vida da senhora foi tocada de uma forma especial, ela percebeu que num canto da parede de sua casa, uma aranha insistentemente tecia uma teia.

Desconhece-se a data, talvez nem tenha havido, mas num dos seus olhares demorados, a velha encontrou um brilho cintilando num canto do tecto. Era uma teia de aranha. Ali onde apenas o escuro fazia esquina, havia agora a alma de uma luz, flor em fundo cinza. A velha levantou-se para mais olhar o achado. (COUTO, 1991, p.38)

Essa visão deu à senhora uma possibilidade de viver, um questionamento a incomodou. Como poderia naquele lugar sem vida, ébrio, infértil, uma vida possibilitar o nascimento e proliferação de outras vidas? Ela não conseguia mais tirar os olhos daquela aranha e do modo como tecia cuidadosamente sua teia, aquilo produzia na senhora um êxtase. Via ressurgir a vida, a esperança, a possibilidade de haver vida independente do que tinha acontecido com seu filho.

A aranha e o seu árduo trabalho de construção da teia ressignifica o povo moçambicano, sua luta, resistência e esperança de reconstruir seu país e fazer dele uma nação forte, independente e capaz de se levantar da guerra que o assolou. A velha estava amargurada, sem identidade, sem esperanças, pedindo socorro e fez da aranha um símbolo de resgate, como solução para a situação em que ela estava inserida.

“A teia só podia ser um sinal, uma prova de promessa”. (COUTO, 1991, p.38). Promessa de que seu filho talvez pudesse voltar ou que aquele seu sofrimento pudesse acabar de vez. Cada fio da teia tecido era como uma previsão de que algo estava para acontecer.

Agora, não era mais a ilusão de ver e conversar com o filho perdido que fazia com que a velha todos os dias acordasse, o que a motivava era saber que naquele cantinho, uma aranha trabalhava. À medida que o inseto tecia sua teia, a velha vagorosamente se arrumava, tirava o velho vestido empoeirado da caixa e se vestia. De vez em quando, os olhares das duas mães se cruzavam, uma pedia que não tivesse sua teia desfeita e nem seu corpo pisado, a outra torcia para que a aparição daquele bicho fosse profética e trouxesse algo de muito bom para ela.

O presságio que a aranha trazia foi pouco a pouco se concretizando, a senhora entendeu que algo de muito surpreendente estava para acontecer. No ápice da sua contemplação, passos de bota foram ouvidos, certamente a aranha tinha lhe trazido algo, por um instante a velha pensou que Antoninho enfim, estava em casa. Porém, os passos ouvidos, a contemplação da aranha e de sua teia foi para a velha mãe, como uma catarse. O contato com algo fora dela, com outra identidade, fez com que ela compreendesse que o tempo havia passado e que seu filho não mais voltaria.

“A velha esmerava-se na sua imobilidade para que o regresso se completasse, fosse o avesso de um nascer. E lhe vieram as dores, iguais, as mesmas com que ele se havia arrancado da sua carne.” (COUTO, 1991, p.39). Poeticamente, o escritor constrói o fim de sua trama, a morte da mulher se dá em meio à dor, dor esta, muito parecida com a sentida no nascimento do filho tão amado, o nascimento do fim dói mais que o nascimento do início.

A reconstrução do povo moçambicano e da sua identidade também se dá em meio a dor, a colônia luta pela sua independência e faz com que um estado livre surja dentro de outro, o que escraviza e o explora, a guerra e a aranha têm o mesmo papel, são agentes de mudança.

O pensamento de Maurice Halbwachs (1990) corrobora com essa afirmação, uma vez que para ele, a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É assim que são construídas as lembranças, a rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos, está impregnada das memórias daqueles que rodeiam as pessoas, de maneira que, mesmo não estando na presença destes, o lembrar e o modo como são percebidos se constituem a partir desse emaranhado de experiências.

Antes de perceber a aranha na sua casa, a senhora vive em devaneio, o que a sustentava era a falta de memória, ela se consolava com o fato de que talvez o filho ainda estivesse vivo. Mas, ela recupera a memória e os sentidos ao descobrir vida na aranha.

No fim da narrativa, encontraram a velha morta no chão de sua casa, como se fosse um retrato coberto de poeira, o choque de realidade foi muito forte. A teia que a aranha pacientemente teceu estava ao seu redor, as botas do filho também, contudo em oposição a velha, elas não estavam empoeiradas, e sim, lustradas, sem gota alguma de poeira, o que denota que ela as limpou, como se estivesse dando um último presente ao filho perdido.

Lixo, Lixado: reflexo da guerra moçambicana

Ao contrário da crônica *A velha e a aranha*, *Lixo, Lixado* não é um texto que tem como pano de fundo o período do pós-guerra e as lacunas que ele deixou. O tempo da narrativa é o da guerra, propriamente dita, ao lermos esse texto, na nossa mente são desenhados o lugar onde Orolando Mapanga, personagem da crônica, mora. Desse modo, os seus sentimentos e pensamentos são exteriorizados.

É interessante como Mia Couto através do narrador onisciente abre a mente e a alma de Orolando, em um derramar de prosa poética. Orolando Mapanga vive em um lixão, não se sabe como ele chegou lá, nem desde quando mora neste lugar tão fétido. Sua vida é catar dejetos, que servem como alimento, se esconder dos *camhões* (ipsi litri) que denunciam a presença de outros seres humanos, estes que certamente vivem em condições bem melhores que Mapanga.

Um dia sem qualquer explicação essa monotonia é quebrada. O senhor descobre que um porco está fuçando no lixão que ele considera de sua propriedade. A princípio se sente ameaçado. A ideia de que outro ser divide com ele aquela miséria o assusta, ele jura que se o encontrar irá matá-lo. A partir dessa descoberta, o homem começa uma caça incessante ao porco.

Orolando procura, rastreia todos os cantos do lixão até encontrar-se com aquele que o havia tirado de seu isolamento. Ao ficar frente a frente com o bicho, tenta cumprir o que a si

mesmo prometeu. Bate no porco, amarra-lhe as pernas, chuta e soca o pobre animal. Depois desse primeiro contato, Orolando começa a vê-lo de uma forma diferente, passa a ter carinho e ternura pelo porco e ao invés de matá-lo, amarra uma corda no seu pescoço e começa a passear pelo lixão, como se o suíno, fosse um dócil cachorrinho de estimação.

Mia Couto começa seu texto com uma surpreendente revelação, “Orolando Mapanga não tinha onde cair vivo” (COUTO, 1991, p.41). O que se é de admirar, porque o provérbio conhecido é *Fulano não tem onde cair morto*. Ao dizer que alguém não tem onde cair morto, nas entrelinhas, é dito que se é tão pobre, que não se tem nada, até mesmo depois de morto.

Mas Orolando, não tinha onde cair vivo. Morava em um lixão, sem nenhuma condição de higiene, comia os dejetos que eram despejados pelos *camiónes*, se escondia das pessoas, vivia à margem, longe do contato pessoal.

Ele não tinha onde cair vivo e isso era uma *impura verdade*, era uma verdade pura, pois não deixava espaço para qualquer menção a pensamento contrário. Era também, tão impura e indigna, assim como a situação de muitos outros moçambicanos, que viviam em uma nação que lutava para ser independente do colonialismo português, mas que não oferecia condições para o seu povo viver dignamente.

A memória coletiva da guerra é alimentada pela memória individual, tornando-a social, e é exteriorizada através da linguagem. De acordo com Ecléa Bosi (1979), a linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

Orolando no texto é a incorporação do povo moçambicano, povo sofrido, sujeito a horrores, que vive em condições precárias e de extrema miséria, mas que consegue resistir e vencer, ter dignidade em situações indignas. Mia Couto pouco a pouco vai construindo a identidade social e cultural de seu povo, sutilmente delinea suas ideologias, sentimentos de inferiorização, sua inquietação e força para superação.

O homem vivia na lixeira como se estivesse destinado a ali ficar. De lá, do contato com aquela imundície via o mar, símbolo do frescor, da vida boa destinada a uns poucos. “Lugar de viver de Orolando era na lixeira, lá no interior, primeira transversal, à direita. Com boas vistas para o mar, mesmo na vertente de um monte de desperdício.” (COUTO, 1991, p.41) O que era um paradoxo. Do lugar onde tudo faltava, no qual as coisas apodrecidas eram como um manjar, Orolando presenciava o desperdício daqueles que ficavam do outro lado. Ele os via, mas não era visto. Da mesma forma, os moçambicanos que tiveram suas vidas fragmentadas pelos abalos de uma guerra com bons propósitos, mas fins prejudiciais a muitos nativos.

Em outro trecho tem-se: “Ao ler seu constante sorriso, dir-se-ia que a felicidade é coisa encontrável mesmo na imundície.” (COUTO, 1991, p.41) Não era de se admirar que Orolando esboçasse um sorriso, uma vez que, o povo africano sempre se afirmou no mundo conquistando a sua dignidade básica, defendendo e exigindo seus direitos humanos inalienáveis, nunca aceitou passivamente, a escravidão e nem se humilhou aos seus opressores.

Historicamente, o povo africano sofreu inúmeros abusos, foi retirado de suas tribos de maneira abrupta, levado para outros países, longe de suas famílias, dos seus hábitos e crenças, foi obrigado a trabalhar como escravo, sujeito a torturas e privações, sendo discriminando simplesmente por ter cor e cultura diferentes daqueles que o oprimia. Orolando era africano, e mais, no texto de Mia Couto pode ser visto como a representação da identidade cultural africana, o homem tinha dentro de si um otimismo, uma capacidade de achar elementos bons dentro de situações adversas.

Para Stuart Hall (2000), os seres são resultados do interior e do exterior, amálgama da identidade pessoal com as identidades culturais absorvidas durante a experiência de vida. Não são mais de caráter unificado, centrado, estão cada vez mais fragmentados, compostos de não mais uma única personalidade, mas de várias identidades, muitas vezes contraditórias.

Orolando Mapanga vivia no lixão, mas achava vantagens naquele lugar, dizia ele: “Aqui não chega nenhum bandido. Lugar seguro de viver, isso ele garantia. Sossegado, também.” (COUTO, 1991, p.41) Sentia-se tão sossegado que durante todo o dia, não se preocupava, ficava isolado “passeando” pelo lixão, absorto em seus pensamentos e sonhos, mas durante a noite, no fim da madrugada, ouvia-se um barulho, “o silêncio se sujava com os camiões trazendo o lixo” (COUTO, 1991, p.42). Para ele, aquele barulho ao mesmo tempo em que fazia com que se lembrasse de que sua comida estava chegando, também o afastava, pois “ele não queria mostrar sua vivência a ninguém, chamar a inveja dos outros” (COUTO, 1991, p.42).

Refletindo sobre isso, algo inquietante surge. Orolando Mapanga era um homem que vivia sozinho em um lixão, passível de sofrer algum dano, contrair alguma doença, não conversava com ninguém, aparentemente não tinha nenhum parente, e quando algum sinal de civilização chegava perto, ele se escondia, para assim, não causar inveja a ninguém. Se Orolando vivia assim, imagine-se as condições a que deviam estar submetidos outros tantos *Orolandos*, certamente em situações ainda piores.

Ouviam-se os disparos, mas ficava distante do horror que seus parentes, amigos e irmãos moçambicanos sofriam. Seria Orolando um covarde? Talvez não o fosse. Certamente tinha tanta coragem que preferia viver na imundície, alimentado pela dúvida e incerteza de que os seus ainda estivessem vivos.

Assim como na crônica “A velha e a aranha”, Mia Couto disponibiliza a seus personagens raros momentos de lucidez e de contato direto com a realidade, certa noite, quase a dormir, Orolando se assusta com o som de um ronco.

— É um porco, isso.
Sabia, o campo lhe ensinara. Voz de bicho era sua sapiência. Pelo cantar de uma galinha ele adivinhava o tamanho de toda a criação. Pelo balido do cabrito ele sabia a cor do bicho. (COUTO, 1991, p.42)

Orolando conseguia reconhecer um porco pelo seu ronco, ele diz que o campo lhe ensinara. Através dessa afirmação de Orolando, tem-se salientado sua origem, ele era homem do campo, experimentado na vivência rural. A Guerra Civil instalada em Moçambique tinha inúmeras razões, e neste trabalho, não interessa o estudo delas, e sim, as consequências provenientes dela.

Em Moçambique, não havia interesses econômicos internacionais abrangentes, somente um movimento de libertação estava ativo (Frelimo). A Independência, portanto, foi vivida com um enorme sentimento de esperança e o país estava inicialmente em paz e durante as duas décadas antecedentes à Independência, Moçambique tinha experimentado um processo acelerado de crescimento econômico e modernização.

De um lado, os jovens líderes do movimento militar não estavam preparados para comandar um Estado moderno e, por outro, o êxodo da população branca e mulata durante o período de transição, retirou os principais recursos humanos ao país. Com a *Operação Produção*, dirigida por Armando Gebuza, em que milhares de pessoas consideradas *improdutivas*, foram retiradas à força das ruas da capital para serem transportadas sem preparação prévia para o distante Norte do país, muitas pessoas passaram a viver nas ruas, sem trabalho ou moradia certa.

Era essa a conjuntura social, política e econômica moçambicana, talvez Orolando fosse um desses camponeses que tiveram seus lares e posses arrancados, e assim, ficaram sujeitos a própria sorte.

Em outro trecho lê-se: “Desta vez, porém, ao invés da doce lembrança dos campos, seus olhos se nevoaram de ódio.” (COUTO, 1991, p.42) Ódio de estar naquele lugar, de ter deixado seus bens, seu suor, sua vida, de ter depositado sua confiança e de ser traído por aqueles que anunciavam lutar pelos mesmos ideais, mas acima de tudo, o sentimento que assolou o seu coração foi o instinto.

Ao perceber que um outro ser disputava aquele espaço com ele, Orolando tomou uma atitude surpreendente. O homem começou a ser compelido por um impulso de caçador, que o motivava, ele sentia novamente o sangue correr em suas veias, não era mais um rato, vivendo à sombra, sorratamente no lixo. Era um homem e não tolerava o fato de que existia alguém que pudesse tirar o seu reinado, de senhor único do lixo. Não é à toa, que fez do encontro com o

porco, seu objetivo de vida, procurou, chafurdou em todos os cantos, até ficar frente a frente com o seu inimigo.

Uma noite, já cansado de tanta procura, o homem se entrega ao sono, mas acordou com um bafo despejado em seu rosto. A visão de um ser totalmente desprovido de forças, um ser cuja vida estava totalmente entregue a ele, trazia a Orolando um prazer, a sensação de vitória corria em seu sangue, trazendo lembranças de outros tempos, mas também, trazia a ele um sentimento nunca experimentado.

Ali, estava um vencido implorando as clemências.
Gozou aquele poder, em desconhecimento fundo de sua alma.
Afiml, agora ele era proprietário, não de restos, mas de uma vida inteira e recheada. (COUTO, 1991, p.42)

Orolando, metáfora do povo africano, não era acostumado ao posto de vencedor, trazia em seu sangue a memória e as marcas que ficam naqueles que são vencidos. Segundo Maurice Halbwachs (1990), as lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo e dificilmente algo é lembrado fora deste quadro de referências, tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o *outro* tem um papel fundamental.

Esta memória coletiva tem assim, uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias, garantindo o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico.

Por outro lado, a sensação de vencer, de maltratar, de não ser maltratado, embora soe cruelmente, dava ao homem um prazer imenso. O som do grito do pobre animal implorando por clemências tocava pouco a pouco o coração de Orolando, ao passo que destilava no corpo do porco, pontapés, refletia sobre o destino do animal e se arrependia do que estava fazendo a ponto de aceitar a *amizade* do porco

Hall (2000) afirma que o sujeito pós-moderno é fragmentado, formado subjetivamente através de sua participação nas relações sociais. Orolando assim se constituía, desejava ser aceito, gostaria de viver uma vida digna, mas estava impedido pela guerra, pela falta de seus bens, de sua família, se sentia envergonhado, desprezado, traído, só no mundo, e por isso, isolava-se naquele lugar inóspito.

O porco não o acusava, não era superior a ele, não trazia a Orolando um sentimento de desprezo, não o humilhava, não fazia perguntas, o aceitava como ele é, inclusive fora capaz de perdoar suas pancadas. Por isso, Mia Couto comparou a maneira como Orolando abraçou o porco ao abraço de uma mulher. Ele não se importava em ter que dividir o parco alimento que conseguia

no lixão, o que lhe contagiava era o calor de uma companhia, a oportunidade de compartilhar suas ideias, seus sentimentos, mesmo que racionalmente não fossem entendidos pelo porco.

Orolando se sentiu no direito de ficar com o porco, ele encontrou no lixão uma corda e assim como os “brancos fazem com os cães” (COUTO, 1991, p.43), transformou o porco no seu bichinho de estimação e lhe deu até um nome Téskmanta. A ironia que perpassa em muitos trechos da crônica *Lixo, Lixado* tem o seu ápice no trecho acima. As pessoas que passam pela lixeira olham o porco como se ele fosse um cão, dão a ele mais dignidade até do que a Orolando, inclusive elas acham que o homem está se tornando um porco. Depois de viver muito tempo na lixeira, as pessoas conseguem vê-lo, até se importam com o que ele faz com o que come e fala, ele agora é percebido pelo simples fato de ter uma companhia.

Em meio à guerra, existia felicidade, camaradagem e entrosamento, mesmo que seja, entre um homem e um porco, unidos pela tragédia, dor e solidão. A crônica termina deixando nos leitores um sentimento melancólico. Realmente, a situação na qual os moçambicanos estavam inseridos era de desespero e de muita dor, assolados por batalhas internas que destruíam suas famílias, sonhos, sujeitos as mais diferentes situações de extrema miséria e desespero.

Considerações finais

A capacidade de lembrar fatos, sentimentos e sensações é inerente ao ser humano. A memória surge como um processo de retenção de informações no qual, as experiências são arquivadas e recuperadas quando é necessário. Assim, a memória envolve um complexo mecanismo que abrange o arquivo e a recuperação de experiências, portanto, está intimamente associada à habilidade de mudança do comportamento humano, através das experiências que ela armazenou, em outras palavras, com a aquisição de novos conhecimentos, a memória retém informações, experiências, tornando-as no decorrer do tempo em memórias coletivas.

O resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo. Para isso, é necessário que não deixe de rememorar, ir à busca das raízes, das origens, da essência da sua história. A memória tem um caráter primordial para elevação de uma nação de um grupo étnico, pois aporta elementos para sua transformação.

Stuart Hall, (2000, p.48) afirma que: “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação” Sendo a nação construída, é uma comunidade simbólica e gera sentimentos de identidade e de pertinência, que não necessariamente tem de ser os limites geográficos que impõe essa nação.

Em *A velha e a aranha* e *Lixo, Lixado* de Mia Couto, a relação existente entre identidade e memória é demarcada. Mia Couto escreve suas crônicas de uma maneira poética, mesmo sendo, um texto narrativo, não deixa de colocar na linguagem empregada um subjetivismo e um lirismo suave, profundo e marcante.

Constrói personagens densos, humanos, com sentimentos pertencentes a boa parte do povo africano, suas personalidades estão marcadas pela guerra, pela dor e sofrimento trazidos por elas. Contudo, não deixam de retirar algo de bom das angústias, não tiram o sorriso do rosto, nem deixam suas ilusões, sonhos e esperanças afundarem nas lágrimas e no desespero.

Em ambas as crônicas, a esperança e a solução são advindas do aparecimento de animais irracionais, que trazem a eles, a racionalidade que precisam e ajudam a representar a identidade cultural africana. A identificação de um povo que viveu há muito tempo debaixo de um regime de escravidão, explorados, cerceados em seus direitos mais básicos, submetidos à exploração colonial portuguesa e que sofrem ao tentar se libertar desse domínio, através de uma Guerra Civil, que acaba também prejudicando, matando e podando os sonhos de uma vida melhor.

Mas, o povo africano, apesar de passar por todos estes problemas, de ver mortos seus filhos, de ter suas terras roubadas, seus bens confiscados ainda é capaz de superar as adversidades. Suas memórias e sua histórica capacidade de superação são retomadas e assim, a sua identidade cultural prevalece e é pouco a pouco acionada e (re) alimentada em um processo contínuo de representação.

Referências

- BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: SP.T.A. Editor, 1979.
- COUTO, Mia. A velha e a aranha. In: *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 37-39.
- _____. Lixo, Lixado. In: *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991, p.41-43.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurence Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Chegou em: 30-12-2016

Aceito em: 07-02-2017